

PORTUGAL, UMA RETROSPECTIVA

1498

PORTUGAL, UMA RETROSPECTIVA N.º 17

1498

ÂNGELA BARRETO XAVIER
NUNO SENOS

DIRECÇÃO DE RUI TAVARES

PÚBLICO & TINTA-DA-CHINA | LISBOA MMXIX

Apesar de os editores desta colecção optarem pela norma ortográfica anterior ao Acordo Ortográfico de 1990, respeitou-se, em cada volume, a opção ortográfica dos respectivos autores.

© 2019, PÚBLICO Comunicação Social SA
e Edições tinta-da-china, Lda

PÚBLICO

Edifício Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte

1350-352 Lisboa

Tels: 210 111 357 | 93 268 0312

Email: coleccoes@publico.pt

loja online: www.loja.publico.pt

www.publico.pt

TINTA-DA-CHINA

Rua Francisco Ferrer, 6A

1500-461 Lisboa

Tels: 21 726 90 28 | 29

E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Portugal, uma retrospectiva: 1498* (vol. 17)

Direcção: Rui Tavares

Autores: Ângela Barreto Xavier e Nuno Senos

Revisão: GoodSpell

Assistência à coordenação científica: Maria Carla Araújo

Composição: Tinta-da-china

Imagens: páginas 50, 70, 111, Wikimedia Commons;

página 83, Pierpoint Morgan Library

Capa: Tinta-da-china (V. Tavares), a partir

de pormenor de tapeçaria representando Chegada de Vasco da Gama a Calecute ou Cochim (*Tapeçaria à maneira de Portugal e da Índia*, Colecção da Caixa Geral de Depósitos)

1.ª edição: Outubro de 2019

ISBN 5602227309529-000017

Depósito Legal ???????/19

Quantos anos cabem num ano? Essa é a pergunta que este volume faz sobre um polidrico 1498, certamente um dos anos em que a história de Portugal e a da humanidade mais se confundem, por causa da chegada de Vasco da Gama à Índia, que já foi descrita como um dos acontecimentos mais importantes da história humana e o momento que marcou o início da Idade Moderna.

Estas são, porém, visões que sobre 1498 se foram acumulando nos séculos seguintes, pela simples razão de que é impossível a modernidade saber exatamente quando ela própria começou. Aquilo a que chamamos modernidade depende necessariamente de um olhar retrospectivo, como o desta coleção em que avançamos às arreas. No volume anterior, dedicado a 1535, encontramos a primeira geração — de Damião de Góis a Thomas More — que olhou para a viagem de Vasco da Gama como se olha para um tempo passado, se bem que recente. Neste volume de 1498, contudo, olhamos para aqueles que viveram e de certa forma fizeram o ano de 1498: não só Vasco da Gama e o rei Dom Manuel I, mas todos os seus contemporâneos. E a resposta à pergunta que fizemos acima é surpreendente.

Há pelo menos três anos no ano de 1498 — muitos mais haveria, mas estes são os principais, e aqueles a que se dedica este volume.

O primeiro, que é necessário recapitular para melhor poder distinguir entre o que é de 1498 e o que depois lhe foi agregado, é o das infindas memórias coletivas, públicas e historiográficas, que

deste ano se foram apropriando e que dele fizeram um símbolo, do século XVI à Expo 98 e à atualidade

O segundo é aquele que Vasco da Gama e a sua centena e meia de companheiros foram encontrar a meio mundo de distância, numa Ásia onde mesmo os reinos médios eram maiores do que os maiores reinos europeus, onde Pequim era a maior cidade do mundo e Vijayanagar, na Índia, a segunda maior, onde o Índico era um mar predominantemente muçulmano e os portugueses eram confundidos com «francos».

O terceiro ano de 1498 é aquele que foi vivido em Portugal por todos os que cá ficaram — um número entre os quais não se conta, surpreendentemente, o rei Dom Manuel I, ausente do reino em negociações para tentar assegurar a sucessão ao trono de Espanha do seu filho. Este é o ano em que um casal de muçulmanos de Évora, Muhammad e Zahara, vende os seus terrenos para poder fugir do reino após a ordem de expulsão de judeus e muçulmanos. E este é o ano em que a rainha Leonor, viúva de Dom João II e irmã de Dom Manuel I, funda a Misericórdia, um acontecimento bem mais importante para muitos dos pobres e miseráveis entre os portugueses do que a chegada à Índia.

Se há anos de viragem na história da humanidade, 1498 é um deles. Ano em que uma armada comandada por Vasco da Gama, que tinha partido de Lisboa, completou pela primeira vez uma viagem marítima para a Índia, alterando decisivamente as rotas do comércio global e o rumo das relações entre o Ocidente e o Oriente, 1498 tornou-se canónico da história global. Mas como foi visto 1498 pelas gentes de 1498? Como se chegou a 1498? Que importância teve a chegada à Índia para essas pessoas? O que nos diz a arte do reinado de Dom Manuel sobre a importância relativa da Ásia e da Europa nas preocupações da coroa portuguesa? Essas são as perguntas que motivam o ensaio historiográfico fascinante de Ângela Barreto Xavier e Nuno Senos.

— RUI TAVARES

ÍNDICE

Prólogo ————— 9

PARTE 1 MEMÓRIAS EM TORNO DO ANO DE 1498

1 Memórias historiográficas ————— 20

2 Lugares da memória colectiva ————— 38

PARTE 2 O ANO DE 1498 NOS TEMPOS DE D. MANUEL

3 O caminho marítimo entre a Europa e a Ásia ————— 59

4 O impacto da viagem no reino de Portugal de inícios
do século XVI ————— 72

5 Uma nova ordem assistencial ————— 81

6 Transformar a paisagem: a arquitectura manuelina ————— 89

7 Os mundos à volta de 1498 ————— 93

Epílogo ————— 105

Notas ————— 114

Fontes e bibliografia ————— 116

Notas biográficas ————— 119

AGRADECIMENTOS

António Manuel Hespanha,

Federico Palomo,

Iris Kantor,

Mafalda Soares da Cunha,

Rui Tavares,

Grupo Impérios, Colonialismo e Sociedades Pós-Coloniais
do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

PRÓLOGO

Se nos perguntarem, hoje, o que é que associamos ao ano de 1498, é provável que a resposta seja: «A viagem de Vasco da Gama à Índia» ou «a descoberta do caminho marítimo para a Índia». É plausível que a pergunta convoque outras lembranças: os «descobrimientos portugueses», o reinado de D. Manuel, *Os Lusíadas* de Camões, o Mosteiro dos Jerónimos ou o Padrão dos Descobrimentos, e, talvez, uma ou outra estátua, um painel de azulejos, uma escola do bairro, uma rua, uma praça, umas comemorações... ou até mesmo a viagem de Pedro Álvares Cabral ao Brasil. Muito menos provável, porém, será associar esta data à fundação da Misericórdia de Lisboa pela rainha D. Leonor, um evento que teve enormes repercussões.

É legítima, portanto, a nossa preocupação com as expectativas suscitadas pelo título deste volume. O que é que se espera dele? Apenas uma revisitação da viagem de Vasco da Gama? Uma indagação sobre os «descobrimientos portugueses»? Ou uma reflexão mais abrangente sobre esse ano e aquilo que nele foi acontecendo?

Não há dúvida de que reflectir hoje sobre o ano de 1498 é simultaneamente mais fácil e mais difícil do que no passado. Hoje, dispomos de um acesso facilitado a documentos históricos desse ano, daqueles que o antecederam e se seguiram. Documentos manuscritos, inventariados e catalogados nas muitas bibliotecas e arquivos portugueses e fora do país. Documentos impressos,

desde relatos e crónicas até outra documentação, muita em formato digital e, por conseguinte, acessível não apenas ao historiador encartado, mas a qualquer cidadão interessado. Também é hoje mais fácil o acesso às imagens deste período, bem como ao inventário dos edifícios que a ele associamos. Menos difícil, ainda, porque existe uma vasta bibliografia sobre eventos relacionados com este ano: o descobrimento do caminho marítimo entre a Europa e a Índia; a chegada ao Brasil; o reinado de D. Manuel e as suas múltiplas realizações, as Misericórdias.

Mais difícil pelas mesmas razões. Por um lado, a profusão de documentação e de bibliografia dificulta a sua destilação nas poucas páginas que este livro tem. Como seleccionar a informação? O que é mais e menos relevante? Estas perguntas não têm respostas evidentes, e os itinerários de escolha podem ser múltiplos, dependendo, em grande medida, de quem escolhe. Mas a esta dificuldade acrescem outras. As mudanças historiográficas das últimas décadas convidam o historiador a observar os processos históricos a partir de diferentes filtros, nem sempre consensuais. A par disso, a memória colectiva sobre este período, forjada ao longo de 500 anos, resiste a novas interpretações e ao desmontar de certos mitos sobre o passado.

Foi com estes horizontes em mente que construímos o presente livro. O itinerário que aqui se propõe ancora-se em três perguntas e em três eventos. Os eventos são a descoberta do caminho marítimo entre a Europa e a Ásia, a fundação da Misericórdia de Lisboa pela rainha D. Leonor e as mudanças que ocorreram nesse período na paisagem urbana, arquitectónica e artística do reino de Portugal, em particular na cidade de Lisboa. Três perguntas se levantam a propósito desses acontecimentos: qual foi o impacto da viagem de Vasco da Gama na conjuntura em que ela teve lugar?; como é que ele se compara com o impacto que a fundação da Misericórdia de Lisboa veio a

ter?; e quanto à arquitectura deste período, será que de facto ela reflecte directamente os «descobrimentos»?

Mais do que uma mera revisitação da viagem de Vasco da Gama — apesar de esta ocupar boa parte das próximas páginas —, este livro pretende ser uma reflexão sobre «o tempo de Vasco da Gama», para citar o título de uma obra publicada 500 anos depois de a viagem ter acontecido, coordenada por Diogo Ramada Curto. Para fazer essa reflexão, torna-se necessário discutir, também, a construção multissecular da memória sobre esse tempo.

O itinerário que se propõe desdobra-se, assim, em duas partes: numa primeira parte, observa-se a maneira como se foi construindo a memória histórica sobre este período e a maneira como sobre ela se alicerça muito do senso comum actual em relação a esse passado. Essa memória histórica será aqui entendida como uma combinação entre a memória historiográfica, i.e., a memória produzida por historiadores, e a memória colectiva, ou seja, aquela produzida ou reproduzida por uma miríade de actores sociais, entre os quais educadores, escritores e poetas, dramaturgos, arquitectos e engenheiros, pintores... Se o primeiro tipo de memória é, à partida, o mais rigoroso, a segunda memória tem um apelo, uma abrangência e um impacto social bem maiores. Mais do que pela primeira, o senso comum — e, com ele, as imagens que nos ocorrem espontaneamente quando se evoca o ano de 1498 — é tendencialmente moldado pela segunda. Mergulhar nos meandros destas memórias permite-nos compreender melhor por que é que pensamos da maneira que pensamos quando pensamos sobre aquele período histórico. Este exercício também é fundamental para dar o passo seguinte: regressar a esta época de uma forma um pouco mais transparente.

Em contraste com a primeira parte, que se alicerça numa viagem do passado ao presente, a segunda parte privilegia um

olhar sincrónico, centrado, sobretudo, no ano de 1498. A metodologia aqui adoptada é inversa: observar 1498 como se o futuro não tivesse existido. Propomos, assim, um exercício de suspensão da nossa contemporaneidade e do que se sabe sobre as consequências de longa duração destes eventos, para, à maneira do etnógrafo, observarmos as dinâmicas históricas daquele ano, na medida do possível, a partir do olhar que os próprios actores delas terão tido. A par disso, procuramos situar a viagem marítima de Vasco da Gama nos seus vários contextos e escalas geográficas: a história de Portugal, da Península Ibérica, da Europa (aquelas que eram as mais importantes para os portugueses de então), dos mundos africanos e asiáticos (nessa altura, ainda secundários). Mas também tendo presentes escalas mais pequenas. Como se usássemos um microscópio, procurámos identificar, aqui e ali, agentes históricos que foram deixados na penumbra, esquecidos pela sombra avassaladora dos heróis. A propósito da jornada de Vasco da Gama, por exemplo, falamos mais da armada, dos pilotos, dos tripulantes, do colectivo, e menos do sujeito individual. Procurámos estar atentos, também, às vozes das mulheres (e daí que seja tão relevante lembrar a rainha D. Leonor, irmã do rei, ou a infanta D. Beatriz, sua mãe, apesar de estas mulheres representarem uma elite privilegiada). Revisitar a fundação da Misericórdia de Lisboa, em 1498, é por conseguinte, duplamente importante. Por um lado, permite-nos recordar o papel que algumas mulheres desempenharam no entretencimento da história; por outro, mergulha-nos num acto que deu início a um rápido movimento fundacional por todo o reino (e por diferentes partes do império), cujo impacto sobre a vida de incontáveis pessoas foi muito evidente, quer na conjuntura de então, quer até à actualidade. Por fim, ao considerar o modo como a arquitectura do tempo de D. Manuel

contribuiu para alterar a paisagem urbana de vários lugares do reino, em particular de Lisboa, mantivemo-nos especialmente atentos à dimensão visual destes processos históricos. Sabemos que o que vemos quando observamos o que nos rodeia tem impacto directo ou indirecto sobre a nossa imaginação e a nossa experiência do quotidiano.

Este volume termina com uma breve revisitação de outras viagens que, como a de Vasco da Gama, foram construindo as relações da Europa com as demais partes do mundo e vice-versa. Através delas, e sobretudo através daquelas que ficaram esquecidas, obtemos novas pistas para responder às perguntas iniciais, para entender as relações entre história e memória, o que perdura e o que se torna invisível, e o modo como a urdidura do mundo contemporâneo resulta, em boa medida, destes jogos entre lembrança e esquecimento.

